

O uso de paródias e a gravação de videoclipes como ferramentas no ensino de química – Relato de Experiência.

Henrique Gomes Visciano ¹ (FM) henrique.visciano@gmail.com

1 - Professor de Química para o Ensino Fundamental, Médio e Técnico, Mestrando em Ensino de Ciências pela UNIFESP – São Paulo – SP).

Palavras-Chave: Videoclipe, Paródia, Ensino de Química.

RESUMO: Com o crescente uso das diferentes formas de tecnologia, é necessário ao professor ampliar e dinamizar suas metodologias de ensino afim de alcançar seus alunos. A música possui um papel de reconhecido impacto sobre a vida dos adolescentes ditando inclusive suas formas de vestir-se e portar-se. Outra forma de mídia que tem alcançado os jovens são os vídeos postados na internet e a possibilidade da gravação de suas próprias mídias. Este relato mostra a tentativa de conciliar o ensino da química a essas mídias tão populares, agregando a produção de um vídeo com a composição de uma paródia, e obtendo resultados positivos segundo a minha visão e a dos próprios alunos.

INTRODUÇÃO

O mundo atual vive uma valorização apenas do momento presente, do imediato. Podemos perceber que essa premissa é verdadeira se pararmos e analisarmos, mesmo sucintamente, as atitudes e preocupações de nossos atuais alunos, ou da sociedade como um todo.

Esse “imediatismo” acaba desvalorizando o ensino formalizado, e dispersando a responsabilidade do ensino, aonde todos ensinam todos, seja através de uma simples conversa ou mesmo utilizando um vídeo pela internet.

Em contrapartida a essa desvalorização, seguindo a sugestão de Rios (2006), surge uma preocupação muito grande com a educação e, portanto, uma crença na ampliação das distintas possibilidades didáticas.

Com a globalização, e o constante aperfeiçoamento das técnicas de comunicação e circulação de informações, a sociedade tornou-se muito mais dinâmica e movimentada, e, portanto, o papel do educador torna-se cada vez mais complexo, passando a “competir” com todo o tipo de mídia e com a velocidade que a mesma tem em transmitir as informações, tanto as idôneas, como as de fonte duvidosa.

Em vista disso, nossas metodologias de ensino também devem dinamizar –se afim de conseguirmos prender a atenção dos estudantes. Cabe ao docente ampliar sua visão e articular uma maneira eficaz de utilizar essas novas tecnologias de uma forma correta, interdisciplinar e de modo a ampliar e partilhar seu próprio saber, e consequentemente estimular os alunos. Precisamos orientar os estudantes sobre quais dessas mídias são fontes fidedignas e quais devem ser filtradas. Precisamos transformar essas mídias em aliadas e não inimigas!

Conforme Bañales et al (2015) nos apresentam, um tipo de mídia que possui grande impacto sobre a vida dos jovens, influenciando inclusive seu estilo de vida e sua imagem, é a música.

A música está presente na vida cotidiana de nossa sociedade desde os tempos da antiguidade e sua participação é especialmente para o jovem. Então porque não ensinar química com música?

Segundo Bertoncetto e Santos (2002) o uso da música como recurso pedagógico já vem acontecendo, e isso se deve ao fato de a música ligar o cognitivo com o lúdico.

Temos de lembrar que quando o conteúdo é ministrado de forma chamativa, neste caso através da música, e leva em consideração os conhecimentos dos alunos, suas experiências e vivências, aquilo que ele realmente gosta, conseguimos nos aproximar mais dos discentes, e estes passam do papel de alunos, que remete a uma dependência e passividade, para o de estudantes propriamente dito, simbolizando a autonomia e pró-atividade, ficando mais abertos e receptivos aos conteúdos ministrados.

Outra ferramenta de suma importância para o processo de ensino/aprendizagem e que devemos tomar posse, é a curiosidade. Tanto a curiosidade dos alunos quanto a de nós, professores:

“Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino” (FREIRE, 1996)

Precisamos despertar nos estudantes uma curiosidade que vai além da curiosidade ingênua, eles têm de despertar uma curiosidade epistemológica, que se opõe aquela que caracteriza o senso comum. E esta curiosidade pode estar ligada à uma construção criativa dos alunos, ao desejo de realizar algo novo, diferente.

Para conseguirmos uma aproximação com os estudantes, além do despertar dessa curiosidade, podemos também fazer uso das novas tecnologias a fim de deixar a aula mais interessante, como o uso de vídeos, ou mesmo de jogos e atividades lúdicas.

Elas são importantes pois constroem relações, atribuem significados e até mesmo quebram paradigmas que os alunos possam ter, e através delas conseguimos atingir os estudantes de uma forma mais profunda, impactando cada um deles de uma maneira diferente.

Monica Fantin (2006) propõe que “façamos educação” utilizando todos os meios e tecnologias, e a partir destes meios possibilitemos aos alunos construir relações e significações.

Um meio tecnológico cada vez mais utilizado pelos adolescentes é a internet, e especialmente para a gravação de vídeos visando sua liberação na rede. Já é muito comum jovens sonharem com a carreira de youtubers.

Segundo Motta et al (2014) youtubers são pessoas que postam vídeos no site youtube com a frequência que melhor lhes convier, sobre temas variados e à sua escolha, e cujos vídeos podem ser assistidos por qualquer internauta através da inscrição em seu canal, da busca no próprio site ou pelo hiperlink.

Com a inserção dos anúncios no site youtube, tornou-se possível ganhar dinheiro publicando seus vídeos. Quanto mais visualizações um youtuber tem em seus vídeos, maior a quantidade de visualizações ao anúncio, o que garante uma porcentagem do que é pago ao site, desde que você seja cadastrado no Google AdSense. (Maiores informações e condições disponíveis no site próprio da ferramenta).

Muitos adolescentes têm corrido atrás deste sonho aprendendo a trabalhar com edição de vídeos em cursos próprios para tal ou mesmo através de tutoriais na internet. Essa gravação dá-se utilizando desde a câmera do celular e chegando até mesmo no uso de câmeras profissionais.

O impacto que os youtubers estão exercendo sobre a vida cotidiana já vem sendo discutido. De acordo com Pase:

“A expansão do uso não apenas do YouTube, mas de alternativas futuras pode definir também a formação de novas camadas da sociedade, espectadores de frivolidades e do banco de dados permanente da web e de pessoas que não apenas informam-se de muitas fontes, mas que também assumem o papel de provocadora de discussão ao registrar online a sua opinião.” (PASE, 2008)

No caso específico dos adolescentes, é justamente essa possibilidade de se expressar, de ser ouvido e não contestado, de poder “provocar” e de possuir o “trabalho dos sonhos” que os conduzem para este mundo.

Diante da popularidade que ambas as mídias, a música e a gravação de vídeos próprios, estão adquirindo em meio aos jovens, e munido do arcabouço teórico sobre os usos de novas tecnologias e diferentes mídias é que surge a ideia da proposta relatada a seguir.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A presente proposta foi apresentada aos alunos que cursavam o terceiro ano do Ensino Médio de uma instituição privada do estado de São Paulo. O projeto consistia na gravação de um videoclipe contendo uma paródia composta por eles sobre química orgânica afim de facilitar seus estudos. Para tal projeto a turma, composta por 26 alunos, foi dividida em cinco grupos, sendo quatro grupos com cinco integrantes cada e um grupo com seis integrantes. A divisão dos grupos deu-se por critérios de afinidade, sendo delegado aos próprios alunos sua montagem.

O trabalho foi pedido com uma antecedência de três semanas (aproximadamente 21 dias) da data de entrega, e os estudantes eram livres para pedir auxílio ao professor durante as aulas ou no horário do plantão de dúvidas.

Foi escolhida esta turma para a proposta por tratar-se de um conteúdo já estudado pelos alunos no ano anterior, com o objetivo de averiguar o que eles se lembravam e aprofundar seus conhecimentos, além de auxiliar/facilitar a aprendizagem daqueles que porventura ainda apresentassem dificuldades.

Ficou acordado que a paródia deveria conter ao menos um dos seguintes temas estruturadores: Introdução a química orgânica (átomos organógenos, definição histórica e atual); Classificação de cadeias; Nomenclatura de hidrocarbonetos; Funções orgânicas.

Foi escolhida como ferramenta o uso da paródia tomando-se como base o descrito por Barros et al:

”Aproveitando-se da facilidade com que a música é assimilada pelas pessoas, pode-se fazer uso desse recurso, associando-o com o conteúdo disciplinar, de forma prazerosa.”(BARROS et al, 2013)

A paródia deveria ser construída baseada nos temas estruturadores, evitando-se o uso de palavras de baixo calão e o uso excessivo de gírias. Os discentes eram livres para escolher qual(is) tema(s) estruturador(es) explorar, bem como a música original que seria utilizada, podendo valer-se de playbacks ou da utilização de instrumentos próprios.

Essa escolha da música fez-se livre afim de atender o que já nos explicita Subtil (2011), após elencar os principais estilos musicais ouvidos pelos adolescentes, ao dizer que:

“ o elevado número de estilos, intérpretes, bandas e conteúdos musicais citados revela uma cultura que contribui para a construção das visões de mundo e sociedade desses sujeitos. A questão que se coloca é como a escola poderia partilhar desses conhecimentos tendo em vista a dimensão menor que eles assumem diante dos saberes privilegiados no interior desse espaço.”(SUBTIL, 2011)

A ideia era deixar que cada estudante escolhesse aquilo que mais lhe agradasse, e como as letras seriam alteradas, não houve proibições nem sobre a utilização de músicas internacionais.

Para a gravação dos videoclipes, cada grupo contou com a criatividade de seus integrantes, bem como o domínio tecnológico necessário para tal feito. Domínio este, que já haviam demonstrado possuir ao realizar trabalhos com vídeos em outras disciplinas e mesmo pelas postagens feitas em suas redes sociais.

Também foi disponibilizado para eles o uso dos ambientes da unidade de ensino para a gravação dos vídeos, sendo porém alguns deles, como o laboratório de

ciências, condicionados a presença de um profissional responsável e cabendo aos estudantes o agendamento prévio para sua utilização.

Os outros cenários apreciados nos vídeos ficaram a critério de escolha dos próprios alunos, podendo ser desde a casa de qualquer um deles, até mesmo uma gravação externa em espaços públicos autorizados.

Entre a data em que o trabalho foi pedido e a data de entrega, dois grupos me procuraram para auxiliá-los na produção de experimentos para o vídeo, um deles realizou um experimento de desidratação de glicose e o outro uma reação de precipitação, ambos efetuados no laboratório de ciências da unidade escolar. Ainda um terceiro grupo me pediu auxílio para a escolha da música utilizada e escrita da letra.

No dia marcado para a entrega da atividade, os estudantes levaram os vídeos em pendrives e os mesmos foram transmitidos para o restante da classe.

As músicas apresentadas foram: Química de fases (parodiando Mulher de Fases), que apresenta a melhor letra no quesito conteúdos, e cujo vídeo foi gravado em stop motion (técnica que se vale de uma sequência de fotografias de um mesmo objeto em posições diferentes a fim de simular o seu movimento), apresentando as fórmulas e os nomes das funções enquanto as mesmas eram cantadas; Química Louca/ Baile de Nomenclatura (parodiando Química/ Baile de Favela) cujo enfoque deu-se nos átomos organógenos e nos prefixos utilizados para a nomenclatura, e único vídeo que contava também com uma coreografia, além de realizarem um pot pourri; Só os químicos sabem (paródia de Só os loucos sabem) musicalmente o melhor vídeo e o único tocado com instrumentos próprios dos alunos, além de ser o vídeo melhor editado, demonstrando aptidão do grupo para estas artes, porém apresentando uma letra fraca dos temas estruturadores pedidos; e Aquele 1% (paródia da música homônima) que embora muito engraçada, também poderia ter uma letra melhor elaborada. Um dos grupos não apresentou o projeto de acordo com o pedido, compondo apenas um rap, sem vídeo e cantado de maneira que não era possível distinguir claramente suas falas.

A presente proposta mostrou-se efetiva de acordo com os próprios alunos que, através de mensagens de texto, pelas próprias redes sociais, agradeceram por eu “ter pedido este trabalho”. Além disso, em uma pergunta direta sobre o que acharam de ter feito este trabalho, e se o mesmo os ajudou a aprender algo (pergunta realizada após a liberação e o fechamento das notas a fim de evitar falsas respostas positivas por “medo” de retaliação) obtive respostas como:

“Eu particularmente gostei muito sim, porque me ajudou a guardar todas as funções aplicadas, tanto que fui ajudar uma amiga minha de outra escola a fazer o trabalho dela e consegui realizar a atividade toda sem nenhuma dificuldade! Ah e ela tirou 9,5” (Aluno 13, 2016)

Os vídeos foram apresentados à coordenação da instituição para sua apreciação, e posteriormente foram postados em minha página no facebook, com autorização prévia de seus autores, e prontamente tornaram-se “sucesso de visualizações”. Em menos de 24 horas um deles atingiu 478 visualizações (marca que considere alta por tratar-se de um “trabalho de escola”).

Os créditos de cada gravação foram fornecidos aos respectivos autores, que já constavam ao final de cada videoclipe.

Todos os vídeos receberam elogios de outros alunos do colégio e alguns até mesmo de pessoas de fora, as quais comentaram que “estudar química desta maneira é fácil e divertido”, e ainda marcaram outros amigos convidando-os a estudar.

Os próprios autores do vídeo agradeceram a postagem e comentaram o quanto foi prazeroso, embora também trabalhoso, a confecção deste trabalho.

LIÇÕES APRENDIDAS

Devido ao fato de o feedback dos alunos ter sido positivo, e o trabalho reconhecido pela coordenação e direção do colégio, acredito que a proposta foi válida e merece ser replicada em outras turmas.

A reação dos pais ao assistirem os vídeos no facebook também foi muito positiva, é claro que demonstrando um “orgulho” pela criatividade de seus filhos.

Os estudantes demonstraram interesse, empenho, e até mesmo certa expectativa, nesta atividade que foge aos padrões normalmente cobrados para a disciplina de química, alguns pedindo ainda que eu propusesse novas “atividades legais” como esta.

Porém alguns ajustes e considerações devem ser feitos. Para a próxima tentativa, por exemplo, os temas estruturadores devem ser melhor limitados e uma explanação mais clara, talvez com o uso de um exemplo, deve ser empregada, visto que alguns grupos ficaram aquém do esperado no quesito de construção das letras.

Devido ao fato de um grupo não ter executado a tarefa de maneira correta, fiquei com a sensação de que os objetivos do trabalho também devam ser melhor explicitados.

Foi fornecida a oportunidade para que os grupos, se assim desejassem, apresentassem a música ao vivo no dia da apresentação do vídeo também. A coordenação da instituição já estava previamente avisada, mas os estudantes não optaram por esse tipo de apresentação.

Uma outra ideia para a apresentação também seria a de os próprios alunos já postarem os vídeos em suas contas via facebook ou youtube, visto que alguns vídeos ficaram em tamanho de arquivo muito grande, devido a sua alta qualidade de som e imagem, o que atrasou suas exibições nos computadores da instituição.

Também não podemos esquecer que a iniciativa só deu certo por lidar-se com uma turma receptiva e participativa, e que os créditos pela produção dos vídeos são completamente dos alunos envolvidos.

Devemos reconhecer quais atividades são capazes de impactar cada turma, afinal cada classe possui um perfil próprio e distinto, e cabe ao professor adequar as melhores metodologias e estratégias para lidar com elas.

É importante ressaltar também que nenhum aluno foi obrigado a aparecer na gravação dos vídeos, eles poderiam participar nos bastidores, auxiliando na gravação ou na edição do vídeo, ou mesmo na construção da letra. Devemos sempre respeitar a timidez e a privacidade de cada estudante.

De igual forma, os vídeos só foram colocados no facebook após a autorização de todos os membros do grupo. Para uma divulgação em maior escala, para a internet aberta por exemplo, faz-se necessária a autorização de uso de imagem dos mesmos por seus responsáveis, afinal todos os envolvidos eram menores de idade.

CONCLUSÃO

Precisamos estar atentos aos desejos de nossos alunos. Muitas vezes esses desejos podem ir contra uma estratégia de ensino mais formal, porém quando conseguimos nos apropriar do que eles gostam e canalizar para a aprendizagem, a mesma acontece de forma divertida para ambos os envolvidos, nós e eles.

Uma abordagem diferenciada tem um impacto maior sobre a aprendizagem, e quando fazemos algo que gostamos o fardo se torna mais leve e conseguir entender algo que nem imaginávamos antes.

Misturar esses tipos de “mídia da moda” com conteúdos e conceitos mais teóricos é uma boa forma de se conseguir uma aproximação com os discentes, mas devemos estar atentos a forma como vamos fazê-lo, conhecendo bem a turma envolvida afim de que a atividade não se torne apenas diversão e deixe de lado a importância acadêmica que lhe é devida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAÑALES, Francia Terrazas; QUILES, Oswaldo Lorenzo; GONZALEZ-MORENO, Patricia. **Consumo y educación musical informal de estudiantes mexicanos a través de TIC**. REDIE, Ensenada, v. 17, n. 2, p. 76-88, 2015. Disponível em : <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1607-40412015000200006&lng=es&nrm=iso>.

BARROS, Marcelo Diniz Monteiro de; ZANELLA, Priscilla Guimarães; ARAUJO-JORGE, Tania Cremonini de. **A música pode ser uma estratégia para o ensino de ciências naturais?** Analisando concepções de professores da educação básica. Ens. Pesqui. Educ. Ciênc. (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 81-94, Apr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-21172013000100081&lng=en&nrm=iso>.

BERTONCELLO, Ludhiana; SANTOS, Márcio Rogério dos. **Música aplicada ao ensino da informática em ensino profissionalizante**. Iniciação Científica CESUMAR, v. 4, n. 2, p. 131-142, 2002.

FANTIN, Monica. **Mídia-educação: conceitos, experiências e diálogos**. Brasil Itália. Florianópolis, Cidade Futura, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática docente. Ed Paz e Terra, São Paulo, 1996.

MOTTA, Bruna Seibert; BITTENCOURT, Maíra; VIANA, Pablo Moreno Fernandes. **A influência de Youtubers no processo de decisão dos espectadores: uma análise no segmento de beleza, games e ideologia**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.17, n.3, set./dez. 2014

PASE, André. **Vídeo online**, alternativa para as mudanças da TV na cultura digital. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 250, 2008.

RIOS, Terezinha A. **Compreender e Ensinar**. Cortez, 2008.

SUBTIL, Maria José Dozza. **Músicas, mídias e escola**: relações e contradições evidenciadas por crianças e adolescentes. Educ. rev., Curitiba, n. 40, p. 177-194, June 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602011000200012&lng=en&nrm=iso>. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602011000200012>.

https://www.google.com.br/adsense/start/#?modal_active=none